

Marquinhos de
Oswaldo Cruz
mostra novo álbum

PÁGINA 7



Maroon 5 anuncia
volta às suas
raízes musicais

PÁGINA 5



O olhar de Clarice
Lispector na ótica
de três atrizes

PÁGINA 4



2º CADERNO

‘Se você crê que a vida será um filme, vai se frustrar’

Vencedor do Urso de Ouro, o realizador
Dag Johan Haugerud fala ao Correio
às vésperas da estreia de ‘Dreams
(Sex Love)’ no circuito exibidor brasileiro

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Temos o Urso de Ouro de 2025 entre nós: “Dreams (Sex Love)”, vindo da Escandinávia, estreia nesta quinta-feira (26) no circuito exibidor brasileiro. É hora de conferir o (comovente) atestado do apogeu de Dag Johan Haugerud como artista na reflexão sobre o quanto a palavra libera nossos demônios.

O filme mais recente desse escritor e cineasta nascido em 30 de dezembro de 1964, em Eidsberg, na Noruega, entra em circuito nacional depois de assegurar a seu país um dos prêmios mais cobiçados da indústria cinematográfica, atribuído a ele, na Berlinale, em fevereiro, por um júri presidido pelo diretor americano Todd Haynes (de “Carol”).

Vizinha da Suécia de Bergman e da Dinamarca de Lars von Trier, sua pátria gerou vozes autorais como Joachim Trier (“A Pior Pessoa Do Mundo”), Erik Poppe (“Utoya 22 de Julho”), Maria Sodahl (“Ficaremos Bem”), Kare Bergstrom (“O Lago dos Mortos”) e Hans Petter Moland (de “O Cidadão do Ano”), que hoje é parceiro habitual de Liam Neeson por trás das câmeras, filmando em Inglês.

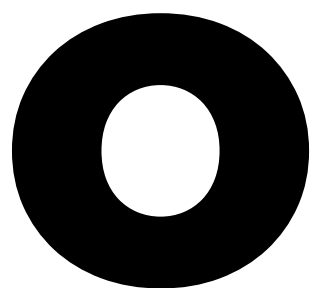
“Embora a Noruega seja um país de mente aberta, enfrentamos questões em nosso dia a dia, ligadas à aceitação a angústias comportamentais, que são desafiadoras”, disse Haugerud em terras berlinenses ao ganhar o troféu mais disputado da maratona cinéfila germânica. **Continua nas páginas seguintes**



Fin-Serck Hansen/Divulgação

ENTREVISTA / DAG JOHAN HAUGERUD, CINEASTA

‘A fala é parte da **corporalidade** de um ator. É gesto’



desempenho de Ella Øverbye no papel da estudante e aspirante a Clarice Lipector

chamada Johanne ajudou um bocado na construção do fã-clubes que “Dreams (Sex Love)” somou ao longo dos últimos quatro meses, desde a Berlinale. A produção é parte de um projeto que Dag Johan Haugerud idealizou a fim de entender modos de amar, de gozar e de temer o querer. Ele integra uma trilogia antecedida por “Sex” e “Love”, ambos de 2024, já lançados por aqui salas e hoje presentes no Reserva Imovision. Antes, sua notabilidade vinha pelo filme “Nossas Crianças” (2019). Agora, ele assume um lugar de relevo na indústria audiovisual de uma nação mais conhecida pela diva bergmaniana Liv Ullmann. Seu país fez bonito também em Cannes, em maio, ao ganhar o Grande Prêmio do Júri com “Sentimental Value”, do já citado Joachim Trier.

Na trama de “Dreams (Sex Love)”, Dag faz uma ode à literatura ao narrar o processo de escrita de uma adolescente (papel de Ella) no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha, que jamais a enxerga com desejo. Confira a crítica na página ao lado.

“Se a partir do exercício literário, uma pessoa for capaz de reescrever quem é, ela pode criar uma representação melhorada de si melhor”, disse Haugerud ao Correio da Manhã num papo via Zoom que desfila por formas de fazer da linguagem do cinema um espaço geográfico para o querer.



Berlinale.de

Dag Johan Haugerud com o Urso de Ouro conquistado por ‘Dreams (Sex Love)’

Que responsabilidade a decisão de fazer um filme de amor, nos tempos de hoje, impõe?

Dag Johan Haugerud: Não sinto que se deva falar em responsabilidade quando se trata de arte, mas o amor é sempre importante, sobretudo quando a mirada em questão não é romantismo e, sim, cuidado. O cinema americano criou histórias amorosas, ao longo da História, que me deixam sentimental, mas abrem uma reflexão acerca das projeções que fazemos. Se você crê que a vida será um filme, vai se frustrar. O que os filmes não mostram não é paixão, é parceria.

Que Noruega está refletida em “Dreams (Sex Love)”?

Tento refletir a sociedade escandinava por meio dos diálogos que filmo, a partir da percepção de que, na região de onde venho, muita coisa é resolvida na conversa, na fala. Falar é parte da vida, do cotidiano.

O senhor não teme a decisão de fazer da palavra o lastro da sua narrativa, numa arte que se escora sobre a imagem, o que é um ato de coragem artística. Mas o que existe de cinemático na fala, no verbo?

Certa vez eu conheci Terence Davies (cineasta inglês morto em 2023, que foi cultuado por “Vozes Distantes”, ganhador do Leopardo de Ouro do Festival de Locarno de 1988) e tivemos uma conversa sobre esse lugar da palavra nas telas. Lembro de ouvi-lo falar sobre essa contingência de o cinema ter que ser, essencialmente, imagens em movimento. Tal conversa me remonta a uma vivência do discurso como uma expressão do corpo. Logo, ela é ação. A fala é parte da corporalidade de um ator. É gesto. Essa dimensão física é o que eu exploro nos filmes que faço. A parceria que travo com a fotógrafa Cecilie Semec é uma busca por uma mise-en-scène que nasce do falar, na troca entre os personagens. Filmar diálogos longos, sem cair no tédio, é tarefa árdua. A gente experimenta e encontra soluções.

Como é reproduzir a coloquialidade da juventude de hoje em “Dreams (Sex Love)”?

Para te responder isso, antes de tudo eu preciso fazer uma pergunta a você e ao seu público leitor: você já foi adolescente? Se você responder que sim – e, de fato, a adolescência é uma passagem comum a todos nós –, vai perceber que a questão central para lidar com ela é saber lembrar. Minhas memórias de meu primeiro amor e da minha juventude estão comigo. De uma certa forma, esse filme é sobre mim, também.

Como eu tenho uma protagonista que reflete como são as jovens de hoje, eu precisei de uma consultoria para que o jeito de falar dela não soasse artificial e não destoasse da contemporaneidade.

Nesse esforço de não destoar do Presente, de que maneira a sua dramaturgia, classificada como queer, lida com a heteronormatividade?

Eu entendo a associação do meu cinema com o imaginário queer. O tema está lá, mas rótulos podem ser limitadores se eles passarem a indicar que faço filmes gays para os héteros. Não faço. A heteronormatividade tem muito a aprender com a comunidade gay.

Na representatividade da Noruega contemporânea, como a trilogia reflete o atual estado do cinema em seu país e como a sua vitória afeta (positivamente) essa indústria?

O cinema que fazemos hoje tornou-se forte nos últimos dez anos por conta de políticas públicas tomadas há uma década e que, hoje, estão reverberando, ainda que eu não saiba o que há de acontecer nos dez anos que teremos pela frente. Fiz a trilogia com cerca de 5 milhões de euros. Parte do dinheiro veio de uma plataforma de streaming (Viaplay), que viu o projeto como se fosse uma série, e parte veio do governo.

Desde Berlim, parte da crítica internacional faz analogia entre seus “Dreams”, “Sex” e “Love” e a “Trilogia das Cores” de Krzysztof Kieslowski (1941-1996), feita nos anos 1990. Em que grau o senhor se relaciona com essa referência?

Eu vi os três filmes na época, gostei muito de “A Igualdade É Branca” e de “A Fraternidade É Vermelha”, mas não gostei de “A Liberdade É Azul”. Não gostei a um ponto que aquele filme me fez parar de escrever profissionalmente sobre cinema em jornais. Gosto do que Kieslowski fez no “Decálogo” e gosto de “A Dupla Vida De Véronique”. Se eu tiver que te falar de influências, citaria Éric Rohmer e Jacques Demy, além do cinema americano dos anos 1970. Vi “Kramer vs. Kramer” ainda jovem, e me marcou.

Que novos horizontes profissionais o senhor tem pela frente?

Termino agora um novo romance, chamado “Pastoral Care”, e estou trabalhando num novo roteiro, que se estende por dois filmes, com duas atrizes diferentes. Eu gostei do formato que testei na trilogia, de filmes que se conversam, e quero testar esse dispositivo de novo.

CRÍTICA / FILME / DREAMS (SEX LOVE)

Amar não cabe em planilhas

Um café é um gesto de virada definitivo em “Dreams (Sex Love)”, capaz de alterar o curso de uma nau afetiva sem a necessidade de ressaca ou onda brava, uma vez que o cinema de Dag Johan Haugerud conta com o apoio da palavra para compreender a arrebatada. Referenciado por um projeto estético de entendimento dos modos de amar, de ter sexo e de saber perder numa contemporaneidade que se diz (e se pretende) fluída, o filme ganhador do Urso de Ouro de 2025 (no original “Drømmer”) esmiúça o papel patrimonial da memória sentimental no curso de formação (e de amadurecimento) de uma subjetividade. Dá à literatura papel fulcral no inventário memorial do pertencimento e da construção da identidade por entender que a imaginação é o músculo que movimentas as recordações, na diástole e na sístole da lembrança nossa de cada dia.

Na genealogia do audiovisual, segue o lastro deixado por “O Raio Verde” (1986), que valeu o Leão de Ouro ao francês Éric Rohmer (1920-2010), não só pela reverência à expressão literária, mas por entender que frase é ação, verbo é reação, conversa é cinemática, saliva é vetor. Não por acaso, Dag é apelidado de o Rohmer escandinavo desde “Barn” (2019), quando ganhou notoriedade.

Em 2024, ele se dedicou a falar das angústias amorosas de gerações alguns degraus abaixo da que pertence (nascido em 1964), incluindo as novíssimas, sempre sob uma perspectiva queer, com foco na aceitação das pulsões e na catarse das inquietudes por meio da fala. Começou com “Sex”, premiado pelo Júri Ecuménico de Berlim, e passou para “Love”, que disputou prêmios oficiais em Veneza. Ambos estão na plataforma Reserva Imovision, que lança nesta quinta a parte três da trilogia, que assume como protagonista uma estudante de 17 anos, Johanne (Ella Øverbye, em impecável atuação). Ela se apaixona perdidamente por uma de suas instrutoras (vivida por Selome Emnetu), que tem nome quase igual ao seu, Johanna.



Agnete Brun/Divulgação

Numa tentativa de preservar essa primeira paixão não correspondida, ela coloca as suas impressões sobre o que sente no papel com uma honestidade crua, amparada por um talento singular para a autotificação. Manda os advérbios à luta e põe os adjetivos pra jogo, a fim de traduzir o que se passa em seu miocárdio. Na construção narrativa de sujeitos e predicados, a jovem é uma escritora de vigor. Quando a mãe, Kristin (Ane Dahl Torp), e a avó, a serena Karin (Anne Marit Jacobsen, em magnética interpretação), descobrem sua redação (já numa forma de original de livro, e não de diário), o choque inicial com as descrições íntimas dá lugar à admiração pelo mérito da menina com o vernáculo. As duas mulheres mais velhas – que sempre tiveram uma sólida cumplicidade na dinâmica mãe filha – começam a refletir sobre as suas próprias vivências amorosas, os prazeres e as oportunidades perdidas. Mais profundo ainda do que isso: põe em fricção aqueles desabafos que estavam entalados, mesmo aqueles ligados a situações bobas, entre as quais uma matinê de “Flashdance” (1983), com Jennifer Beals, lá na década de 1980.

A cada no parágrafo de Johanne, elas são lembradas da sensação avassaladora do despertar da primavera. A avó de Johanne, uma poeta muito consagrada, sente orgulho e desconforto com o talento natural da neta, não por inveja, mas por saber, na pele, o fardo que a arte da palavra impõe, em seu júbilo e em sua entrega.

Essas mulheres formam uma ciranda parental que a fotografia de Cecilie Semec enquadra com firmeza cirúrgica, emoldurando-a num colorido sempre bem temperado, sem excessos, afinado com a proposta investigativa da realização. (R.F.)

CORREIO CULTURAL

Divulgação



The Calling despontou para o sucesso nos anos 2000

The Calling confirma presença em festival na Baixada

Nova Iguaçu receberá pela primeira vez um show do The Calling. A banda californiana encabeça o Palco Legends da terceira edição do Festival de Rock da Baixada, que se realiza em 5 de outubro, que também terá em seu line-up Paralamas do Sucesso, CPM22, Raimundos, Detonautas e Fresno. A edição 2025 do festival

também destaca o retorno da banda Strike após dez anos de pausa, dividindo o Palco RockStarts com Hevo84, Darwin, Dibob e De-brix.

Idealizado pelo produtor Leandro Dany, o evento reuniu mais de 13 mil pessoas na edição anterior e representa um marco cultural para a região da Baixada Fluminense

Novos maestros

No ano em que celebra 50 anos de história, a Orquestra Petrobras Sinfônica lança o I Concurso de Regência Maestro Isaac Karabtchevsky, voltado para maestros brasileiros de 18 a 45 anos numa iniciativa que busca revelar novos talentos da regência.

Mostra virtual

A exposição virtual "Arte & Transportes – Anos 70 – Ordem e Progresso" está disponível na plataforma do Google Arts & Culture. A mostra, com obras do acervo do MNBA, apresenta as gravuras de 13 artistas plásticos brasileiros.

Novos maestros II

A competição oferece premiação em dinheiro e a chance de reger a orquestra em apresentações no Theatro Municipal do Rio e na Sala Cecília Meireles. Inscrições abertas até 4 de julho pelo site www.petrobrasinfonica.com.br.

Últimos dias

Vai até esta sexta (27) "Em Toda Encruzilhada, um Portal", exposição de Sabrina Barrios na Meta Gallery. Formada em design gráfico pela UFSM e radicada em Nova York, a artista é especialista em instalações site-specific.



'Se eu fosse eu - Clarices' reúne três contos numa reflexão sobre questões do feminino

Um encontro triplo com Clarice

Ocupação de coletivo do DF apresenta trabalhos que mesclam teatro e dança no CCBB até domingo, incluindo adaptação de contos de Clarice Lispector

A Agrupação Teatral Amacaca, de Brasília, encerra nesta semana sua ocupação no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ) onde está encenando três espetáculos: os adultos "2+2=5" e "Se eu fosse eu – Clarices", além do infantil "Os Saltimbancos". Definido pelo próprio grupo como uma "orquestra de atores", a Ata carrega o legado artístico de Hugo Rodas, diretor que marcou profundamente a cena teatral brasileira até sua morte.

Sob sua orientação, o coletivo desenvolveu uma estética singular baseada na experimentação corporal, onde dramaturgias do corpo se transformam em espetáculos de intensa fisicalidade, permeados por coreografias, musicalidade e manifestos poéticos. "Os espetáculos são bem diversos. Somos um grupo que trabalha com o legado de Hugo Rodas, muito focado na fisicalidade, porém, com sua morte, estamos começando a experi-

mentar outros formatos", explica um dos integrantes do grupo, formado por doze atores: Abaetê Queiroz, Camila Guerra, Diana Porangas, Dani Neri, Flávio Café, Iano Fazio, Juliana Drummond, Mateus Ferrari, Pedro Tupã, Victor Abrão, Márcia Duarte e Rosanna Viegas.

Montagem premiada

Entre os destaques da temporada está "Se eu fosse eu – Clarices", espetáculo que já conquistou indicações de Direção e Atriz Destaque para Rosanna Viegas no Prêmio Sesc Mais Cultura 2024. A montagem reúne três contos de Clarice Lispector para construir uma reflexão sobre questões que permeiam o universo feminino, transitando entre maternidade, sexualidade e espiritualidade através de imagens poéticas que incluem ovos, ratos, galinhas e maçãs como elementos simbólicos.

"Três atrizes se encontram com Clarice. Três atrizes se diri-

gem às Clarices que ressoam em si. Entre ovos, ratos, galinhas e maçãs percorrem os subterrâneos da psiquê feminina", descreve a proposta do espetáculo, que brinca com os tabus e contrastes típicos da escritora para abordar questões profundas de forma dinâmica e irônica.

A diretora e atriz Juliana Drummond observa como a recepção do público tem se transformado ao longo das cinco temporadas da peça. "É incrível ver como o público, com homens e mulheres de todas as idades, se conectam com a peça de maneiras diferentes. As mulheres encontram um espaço para se reconciliar consigo mesmas, para refletir sobre sua própria existência e buscar sua verdade. Um potente despertar. Os homens, já curiosos e atentos, por sua vez, são convidados a questionar suas próprias percepções e a se conectar com o universo feminino de uma forma mais reveladora e sensível", analisa.

SERVIÇO

SE EU FOSSE EU - CLARICES
Teatro 2 do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 29/6, quinta-feira (19h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Anna Ratto em modo Arnaldo

Cantora apresenta seu álbum 'Vision Negro' nesta quinta no Manouche com participação especial de Fernanda Takai

Por Affonso Nunes

A cantora Anna Ratto retorna aos palcos cariocas para apresentar seu sétimo álbum de estúdio, "Vision Negro", em duas apresentações no Manouche, nesta quinta-feira (26). O projeto marca um novo capítulo na carreira da artista, que se dedica a reinterpretar o universo criativo de Arnaldo Antunes através de composições inéditas e releituras de clássicos do poeta e compositor paulistano.

O álbum surgiu durante os ensaios da turnê de "Contato Im-

diato" (2021), o primeiro trabalho da cantora com releituras de Arnaldo Antunes, quando novas canções foram sendo incorporadas ao repertório do show. "Busco me conhecer em outros cantos, literalmente. Música é como roupa: precisa vestir bem", reflete Anna Ratto.

Conhecida por suas interpretações sensíveis e escolhas musicais ousadas ao longo de mais de duas décadas de carreira, Anna encontra na poética do ex-titã um território fértil para explorar sonoridades que transitam entre o pop, o rock e a MPB.

A apresentação terá a participação especial de Fernanda Takai,



Anna Ratto dá sequência ao projeto de releituras do cancionário de Arnaldo Antunes iniciada em 2021

vocalista do Pato Fu, que gravou uma das faixas do trabalho com Anna, "Todo Dia e Toda Hora Com Você". Além dela, o repertório inclui as inéditas "Não Temo",

"Vision Negro" e "Melhor não Enfeitar", além de novas versões para composições consagradas de Arnaldo Antunes como "Um Branco, Um Xis, Um Zero", "Sem Você" e

"A Casa é Sua". "Mal posso esperar pra mostrar esse repertório. Além do álbum na íntegra, incluiremos alguns hits e outras surpresas inusitadas de Arnaldo", revela Anna sobre o projeto.

A formação que acompanha Anna Ratto no palco reúne músicos experientes da cena independente carioca: Elísio Freitas (guitarra), Antonio Dal Bó (teclados), Jorge Ailton (baixo) e Estevan Barbosa (bateria). O quarteto, segundo a própria cantora, entrega uma sonoridade vibrante que dialoga naturalmente com a proposta estética do álbum, criando arranjos que respeitam a essência das composições originais mas também imprimindo identidade própria.

SERVIÇO

ANNA RATTO - VISION NEGRO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 – subsolo da Casa Camolese)

26/6, às 21h

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, mediante a doação de 1kg de alimento não perecível para o Retiro dos Artistas)

Dose dupla de jazz rock

Torcuato Mariano celebra quatro décadas de carreira com tributo a Jeff Beck e o trio Electric Miles Fusion revisita a fase elétrica de Miles Davis

O Blue Note Rio recebe nesta quinta-feira (26) uma programação dupla que mapeia diferentes momentos do jazz rock. A noite começa às 20h com o guitarrista Torcuato Mariano

celebrando seus 40 anos de trajetória musical, seguido às 22h30 pelo projeto Electric Miles Fusion, que revisita a fase elétrica do trompetista americano Miles Davis.

Torcuato se consolidou já nos anos 1980 como um dos principais nomes da fusão entre jazz, MPB e rock no Brasil. Acompanhado por David Feldman (teclados), Ricardo Cordeiro (contrabaixo) e Felipe Alves (bateria), o músico promete um repertório que equilibra composições autorais como "Segredos" e "Estação Paraíso" com um tributo especial a Jeff Beck,

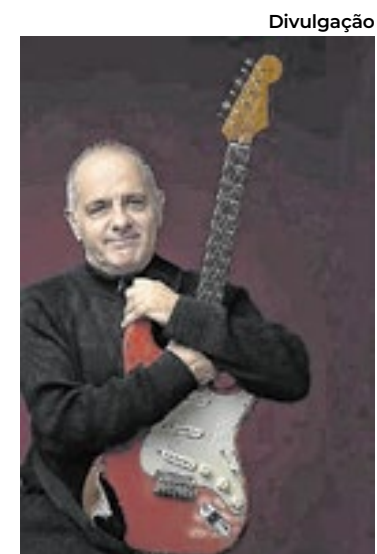


Victor Biglione e os irmãos Guilherme e Alfredo Dias Gomes (D)

guitarrista britânico que exerceu influência decisiva em sua formação.

A segunda apresentação da noite traz uma proposta distinta, com o projeto Electric Miles Fusion comandado pelo guitarrista Victor Biglione em parceria com os irmãos Guilherme e Alfredo

Dias Gomes, respectivamente no trompete e na bateria. O trio se dedica especificamente à exploração da fase fusion de Miles Davis, período que marcou a década de 1970 e início dos anos 1980 com álbuns revolucionários como "Bitches Brew" e "On the Corner". (A.N.)



Torcuato Mariano

SERVIÇO

TORCUATO MARIANO | ELECTRIC MILES FUSION

Blue Note Rio Av. Atlântica, 1910 - Copacabana

26/6, às 20h (Torcuato Mariano) e 22h30 (Electric Miles Fusion)

Ingressos a partir de R\$ 60

Maroon 5

promete volta às origens em novo álbum

Por Affonso Nunes

Banda muito apreciada pelo público brasileiro, o Maroon 5 prepara o lançamento de seu oitavo álbum de estúdio com a promessa de um retorno às origens musicais que consagraram a banda. “Love Is Like”, que chegará às plataformas digitais em 15 de agosto, representa uma mudança de direção criativa que busca resgatar a essência dos primeiros trabalhos do grupo liderado por Adam Levine.

“Sinto que voltamos ao que costumávamos fazer, que é não prestar atenção em onde nos encaixamos e produzir a música de forma orgânica”, declarou Levine em comunicado oficial. “É meio que assim que nos destacamos no início, quando

‘Love Is Like’ chega em agosto marcando retorno ao som orgânico da banda californiana

começamos nossa carreira”, completou o vocalista, sugerindo uma reconexão com o som que marcou os primeiros anos de atividade da banda californiana.

O novo trabalho sucede “Jordi”, de 2021, e já ganhou seu primeiro single com “All Night”, lançado simultaneamente ao anúncio do álbum. A faixa marca essa nova fase criativa do grupo, que busca se afastar das fórmulas comerciais mais recentes para abraçar uma produção



Adam Levine (o 3º da esquerda para a direita) fala sobre o álbum: ‘Voltamos ao que costumávamos fazer, que é não prestar atenção em onde nos encaixamos’

mais espontânea e autêntica.

Entre as colaborações confirmadas para “Love Is Like” está “Pricelless”, parceria com Lisa, integrante do grupo sul-coreano BlackPink. O single, lançado anteriormente, alcançou a posição 76 na Billboard Hot 100, demonstrando a capacidade da banda de manter relevância nas paradas mesmo após mais de duas décadas de carreira. A

inclusão da faixa no álbum confirma a continuidade da estratégia do Maroon 5 de incorporar artistas de diferentes gêneros e nacionalidades em seus projetos mais recentes.

A campanha de divulgação incluiu um vídeo promocional criativo, mostrando um aparelho de som tocando “All Night” em locais icônicos de cidades americanas como Cloud Gate (Chicago) e a Golden

Gate Bridge (San Francisco).

Embora a lista completa de faixas ainda não tenha sido revelada, “Love Is Like” promete consolidar uma fase de maturidade artística do Maroon 5, equilibrando a experiência acumulada ao longo de mais de 20 anos de carreira com a busca por uma sonoridade mais próxima das raízes que definiram seu DNA artístico.

Caio Prado e sua

guinada pop

Cantor e compositor leva canções de ‘Caio em Ti’ ao Espaço BNDES

O cantor e compositor carioca Caio Prado sobe ao palco do Espaço Cultural BNDES nesta quinta-feira (26), às 19h, para apresentar as canções de seu mais recente trabalho, “Caio em Ti”, seu terceiro álbum. Acompanhado por Elisio Freitas (guitarra), Rodrigo Ferreira (baixo), Jean Michell (bateria) e Janeh Magalhães (backing vocals), o

artista revela uma faceta mais solar e dançante, mas sem abrir mão de seu engajamento social.

Conhecido por composições de resistência como “Não Recomendado” – gravada por Elza Soares e considerada um hino da comunidade LGBTQIAP+ – e “Não Sou teu Negro”, interpretada ao lado de Alcione, Caio Prado decidiu ampliar seu universo temático neste novo projeto. O álbum, primeiro lançamento pela gravadora Deck, traz canções que abordam amor, sexo, praia e futebol, temas até então inéditos em sua discogra-

André Hawk/Divulgação



Caio Prado dá guinada rumo à sonoridade pop dançante, mas sem abrir mão do engajamento

fia, mantendo a veia poética característica do artista. “É música pra fazer amor, pra tocar na pista, para as pessoas dançarem, ainda que tenha letra que fale da desigualdade social, o que fica é a alegria de viver porque esse é um disco muito feliz”, explica o compositor, que mantém as lutas antirracistas e pelos direitos da diversidade sexual como parte fundamental de sua identidade artística. (A.N)

SERVIÇO

CAIO PRADO - CAIO EM TI
Espaço Cultural BNDES
(Avenida República do Chile, 100 - Centro)
26/6, às 19h
Entrada franca, com retirada de ingressos 30 minutos antes do espetáculo

Ancestralidade à flor da pela preta

Marquinhos de Oswaldo Cruz lança seu álbum 'Agbo Ato' no Teatro Rival Petrobras; trabalho inspira-se em viagem do artista à Nigéria numa conexão das tradições iorubás ao samba carioca

Por Affonso Nunes

Aos 63 anos, Marquinhos de Oswaldo Cruz vive um momento singular em sua trajetória artística. Pela primeira vez em seis álbuns, o sambista assina contrato com uma gravadora para lançar "Agbo Ato", trabalho que será apresentado ao público no Teatro Rival Petrobras, nesta quinta-feira (26). O espetáculo, com direção artística de Leandro Vieira e direção musical de Marlon Sette, promete conduzir a plateia por uma jornada através das múltiplas vertentes do samba, revelando conexões ancestrais que transcendem fronteiras geográficas e temporais.

O título do álbum carrega significado profundo, nascido de uma experiência transformadora que o compositor viveu em 2024 durante viagem ao interior da Nigéria. "Agbo Ato", expressão iorubá que simboliza bons presságios, representa mais que uma escolha estética – é o resultado de um encontro visceral com as origens africanas que moldaram a cultura brasileira. "Essa viagem me fez compreender muita coisa. Antes, eu resistia a compor em iorubá por associá-lo à tradição baiana, mas hoje vejo que o samba nasce e renasce em muitos lugares", revela o artista, que encontrou na África ecos de sua própria infância no subúrbio carioca.

A experiência nigeriana despertou em Marquinhos memórias afetivas de Oswaldo Cruz, seu território de origem e inspiração. "Era como voltar à infância. As crianças parando de brincar para ajudar as senhoras mais velhas a carregar compras. Algo que se via muito na vida do subúrbio", recorda o

sambista, estabelecendo pontes entre continentes através de gestos cotidianos que revelam valores comunitários preservados na diáspora africana.

Figura central na defesa das tradições do samba carioca, Marquinhos mantém vínculos profundos com a Portela, escola que considera inseparável de sua identidade artística. "O que vai pro mundo é o retrato daquele lugar", defende o compositor, que recusa convites para escrever para outras agremiações por acreditar que sua arte é indissociável do território que carrega no nome. Essa fidelidade geográfica e cultural se manifesta em iniciativas como o Trem do Samba e a Feira das Yabás, projetos que criou para preservar a memória de seu bairro.

O primeiro evento resgata tradição iniciada por Paulo da Portela, reunindo artistas em composições ferroviárias que partem da Central do Brasil rumo a Oswaldo Cruz, transformando cada vagão em palco para apresentações exclusivamente dedicadas ao samba. "A única exigência que fazemos para quem vai participar é que só toque samba nos vagões", explica Marquinhos, mantendo viva a estratégia histórica de driblar a repressão ao gênero musical através dos trens urbanos.

Já a Feira das Yabás ocupa a Praça Paulo da Portela, junto à antiga sede da escola de samba, criando o que o próprio organizador define como "um hub preto por excelência", espaço dedicado à preservação de valores culturais da região através de samba, jongo, gastronomia e artesanato. Essas iniciativas demonstram como Marquinhos articula passado e presente, transformando nostalgia em ação cultural concreta.



Guardião das melhores tradições do samba, Marquinhos de Oswaldo Cruz mostra seu novo trabalho no Rival Petrobras

Em "Agbo Ato", a sonoridade reforça elos com tradições sambísticas através dos arranjos de Marlon Sette e da participação de músicos como Cláudio Jorge, Carlinhos Sete Cordas e Luizinho do Jêje. "O Cláudio Jorge disse que nós gravamos esse álbum à moda antiga. Ele está certíssimo e foi muito prazeroso", comenta o artista, satisfeito com o resultado que equilibra sofisticação e enraizamento cultural.

O repertório transita entre composições autorais e regravações significativas, como "Boiadeiro", partido-alto de Ventura lembrado por Paulinho da Viola durante evento do Trem do Samba. "Na hora dos versos, a melodia também ganhava improvisos, uma tradição que resgatamos na gravação", explica Marquinhos, que solicitou ao próprio Paulinho da Viola que cantasse a música para inclusão no disco, preservando a oralidade característica do gênero.

Faixas como "Meu Destino, Meu Ifá", parceria com Rogério Lessa, e "A Onça Morreu, O Mato É Nosso", composta com Mar-

lon Sette, evidenciam a influência ancestral africana no trabalho. O álbum inclui ainda "Raiz da Memória", samba-enredo apresentado na Portela em 2021 que, segundo o compositor, "não era um samba pra avenida, mas para ser gravado".

Para Marquinhos, manter viva a tradição do samba de raiz representa desafio constante para sua geração. "Os mais velhos da Portela sempre me apoiaram. E Manacéa me dizia para fazer o que vinha no coração. Adotei esse ensinamento como regra. Manter isso sempre foi difícil para minha geração. Mas não vou fugir desse destino", declara o artista, assumindo papel de guardião de tradições que considera fundamentais para a cultura brasileira.

SERVIÇO

MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ - AGBO ATO

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia)

26/6, às 19h30

Ingressos a partir de R\$ 50

Renato Mangolin/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Ser ou não ser o que o outro quer... e a sociedade impõe... virou um dos dilemas de urgência das artes na contemporaneidade, vide o maior fenômeno do streaming de 2025 (até agora), a série britânica da Netflix “Adolescência”, e um conjunto de expressões audiovisuais e teatrais que pipocam por diferentes arenas da cultura. No dia 14 de agosto, o Festival de Locarno, na Suíça, tratará do tema ao projetar “Rosemead”, numa sessão em homenagem à sua estrela, Lucy Liu. Situado no coração do San Gabriel Valley, com base numa história real, o filme é a saga de uma imigrante chinesa, portadora de uma doença terminal, que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente por tiroteios em massa.

Bombardado pela web e isolado no conflito existencial dos aborrescentes, o guri sublima sua rejeição com o culto ao ódio. À medida que sua saúde se deteriora, essa mãe vivida por Lucy toma medidas desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem. O enredo é perfumado de polêmica e inflamou inquietações acerca dos sintomas de alienação digital em sua passagem pelo Festival de Tribeca, em Nova York.

Em fevereiro, a Berlinale enveredou por querelas acerca de ser ou não aceito (por si mesmo), à sombra de um convívio social especializado em excluir, durante a projeção de “Sorda”, de Eva Libertad, produção da Espanha, que amplia o tema para o universo dos PCDs e da vida a dois. Voltou para casa com a láurea da Associação de Cinemas de Arte da Europa graças à batalha de Ángela, uma mulher com problemas auditivos, e Héctor, seu parceiro, que esperam um filho. Apesar de muito animados com a gravidez, não sabem se o bebê vai herdar a surdez da mãe, que passa a reagir com aspereza à sua condição. Após um trabalho de parto complicado e emocionalmente intenso, Ángela dá à luz sua filha, mas o casal terá que esperar alguns meses para saber se a neném sofre de algum problema de audição. Durante esse período, Héctor se esforça para entender completamente os desafios que Ángela está enfrentando.

No âmbito brasileiro nas artes cênicas, o impacto de redes sociais na construção da identidade, a busca incessante por aceitação, o excesso de medicalização e os limites entre humanidade e tecnologia se amalgamam nos palcos por onde passa o espetáculo “Feio”. A peça encenada pela Companhia Dobra finca bandeira em Niterói, com sessões neste fim de semana no Teatro da UFF (sexta e sábado, às 20h, e domingo, às 19h), antes de seguir



Espectáculo ‘Feio’ parte do culto às aparências para debater pertencimento

Dissonâncias da alienação digital

Série, filmes, peça e HQs atacam sintomas da exclusão que passa pela aparência e aceitação



Panini Comics

A artista gráfica Bilquis Evely reinventa a Supergirl num gibi indicado ao prêmio Eisner que debate inadequação

‘Rosemead’ será exibido em Locarno, em 14 de agosto, em tributo à atriz Lucy Liu



para o Teatro Gaylussac, nos dias 4, 5 e 6 de julho, sempre às 19h.

Livremente inspirada na fábula “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, a montagem propõe uma reflexão atualizada e provocadora sobre o modo como as tecnologias e o ambiente virtual moldam a forma

como nos enxergamos e nos relacionamos. Na trama, uma família tradicional é surpreendida pela gravidez de gêmeos — “Feio” e um segundo filho essencial para o desenrolar da história —, e a partir deste enredo a montagem explora questões como o medo da rejeição, a pressão por pertencimento e

a tentativa constante de corrigir aquilo que foge dos padrões, no corpo, comportamento ou imagem. Com dramaturgia de Cecilia Ripoll, direção de Helena Marques e atuação de Breno Paraizo, Caio Passos, Fábio Lacerda e Reinaldo Dutra, o espetáculo transita entre o gesto e a palavra, entre o real e o simbólico, entre o concreto e o abstrato.

Nos quadrinhos, o tema da dissonância que gera abandono (ou fúria) está em alta. Um dos títulos que melhor exploram essa angústia é “Árduo Amanhã”, de Eleanor Davis. A autora dessa HQ da editora Tordesilhas ganhou o LA Times Booker Prize por um estudo precioso sobre o limite entre inércia e resiliência numa narrativa que celebra a união, na amizade e no amor. Sua protagonista, Hannah, uma cuidadora de idosos, que anda cheia de dúvidas em suas cabeças, é “a” personagem de quadrinhos do ano em nossas livrarias. Seu namorado é maconheiro profissional que vive da erva e sonha finalizar uma casa do campo, para plantar legumes e canhamo. Já Hannah só quer ter um bebê, mas a vida anda cruel com seu desejo.

No universo dos vigilantes cheios de poderes, “Supergirl: A Mulher Do Amanhã” (Ed. Panini) toca na mesma inquietude explorada por Eleanor pelo prisma da fantasia. Graças à arte exuberante da desenhista Bilquis Evely, esta minissérie compilada no Brasil num só volume fez sucesso de venda nos EUA e concorreu ao Prêmio Eisner, o Oscar das HQs. Sua protagonista, Kara Zor-El, passou por muitas aventuras épicas ao longo dos anos, mas hoje acredita estar sem propósito. Para onde vá, as pessoas só a veem como prima do Superman. Até que tudo muda, quando uma garota alienígena a procura para uma missão de vingança contra os vilões que exterminaram seu planeta. Agora, uma kryptoniana, um cachorro e uma criança com o coração partido partem para o espaço em uma jornada que mudará suas vidas para sempre.